

ORDEM DE NASCIMENTO E PACIENTES ATENDIDOS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA PÓS-GRADUAÇÃO – PUCCAMP

Antonios Térzis *
Luiz Heraldo Braga de Oliveira **

RESUMO

O presente estudo investiga a hipótese de associação entre a posição ordinal dos filhos dentro de sua prole, ou seja, interessa-se em conhecer os pacientes em relação à sua ordem de nascimento ao consultarem uma clínica psicológica da Pós-Graduação-PUCCAMP (Campinas, SP) para obterem atendimento em relação aos seus problemas vitais e psicológicos.

Observa-se que para a amostra total – 595 famílias – encontraram-se diferenças significativas, ao nível de 0,05 entre as porcentagens correspondentes à comparação de primogênitos com segundos filhos; são significativas, ao nível de 0,01, no caso das comparações, seja de primogênitos, seja de segundos filhos, bem como de caçulas com os nascidos da terceira até a nona posição, inclusive estes.

INTRODUÇÃO

Certas variáveis familiares objetivas receberam exames minuciosos por parte de investigadores interessados nas áreas de Psicologia e Psicopatologia. O sexo, a ordem de nascimento e o tamanho da família são as três variáveis mais estudadas, do ponto de vista clínico e estatístico (Terzis, 1980, 1983).

A respeito dessas variáveis Alfred Adler, pioneiro da “Psicologia Individual”, em decorrência da natureza do próprio método psicanalítico, defendeu a hipótese de que as personalidades do filho mais velho, do filho do meio e do caçula numa família eram propensas a ser completamente diferentes. O autor atribui essas diferenças às experiências distintas que cada criança tem como membro do grupo familiar (Ansbacher e Ansbacher, 1959).

Nestes estudos, é importante o significado dos filhos à medida que vão surgindo e crescendo na família.

* Professor da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCCAMP.

** Estatístico da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCCAMP.

Rollman-Branch (1966) observou que as crianças preferidas ou favorecidas por sua mãe mostram em suas vidas, uma auto-confiança, e um otimismo de sorte que tais atributos parecem trazer um grande sucesso à pessoa ao longo da sua vida.

Brill (1960) estuda a posição ordinal do filho na prole da família e menciona vários homens famosos que foram filhos únicos, primogênitos, ou filhos favoritos. Numa linha similar, Sir Francis Galton, pela primeira vez, estudou uma série de dados biográficos de cientistas, chegando à conclusão de que entre eles havia uma forte tendência no sentido de serem primogênitos ou filhos únicos (Altus, 1966).

A este respeito mencionamos a monumental biografia de Sigmund Freud escrita por Ernest Jones (1953), cuja extraordinária vitalidade intelectual o transformou num pioneiro até o fim da vida. A biografia aponta que era filho mais velho, e desde o nascimento permaneceu o "favorito da mãe" e da "família inteira", vivenciando as condições ambientais mais favoráveis, mas não era super-protégido, como um filho único.

Parece que desde muito tempo já universalmente se reconhece que o filho mais velho apresenta certas características definidas. A história nos mostra que a situação do primogênito é particularmente favorável.

Em muitos povos, em muitas classes, esta vantajosa condição se tornou tradicional. Por exemplo, o que se observa entre os proprietários rurais europeus: é que o primogênito conhece as próprias regalias desde a primeira infância e compreende que algum dia será o herdeiro da propriedade e chefe da família ou substituto de seus pais, e, deste modo, encontra-se em posição mais favorável que os outros filhos, que sabem que deverão um dia sair da casa do pai para ganhar a vida (Adler, 1945). Ainda, a posição do primogênito foi descrita como única situação, que começa como filho único e que mais tarde é destronado, com a chegada do segundo filho. Porém, entre essas duas posições de nascimento dos filhos, notou-se a luta pelo poder e a usurpação da segunda criança sobre as características do primogênito. O fato de existir à frente dele alguém que já conquistou o poder, constitui-se-lhe forte estímulo para combater contra o irmão mais velho (Ansbacher e Ansbacher, 1959).

Esta situação foi descrita por Bottome (1957) fornecendo apontamentos sobre a própria vida e atitudes de Alfred Adler, que era considerado por Freud como um "notável intelecto", de quem esperava que o ajudasse a desenvolver a teoria psicanalítica; mas foi amargo o seu desapontamento quando percebeu que não havia mais condições de reconciliação. É significativo que o próprio Adler disse "meu irmão mais velho foi o único com quem não me dei bem". Alfred sentia que sua mãe, uma mulher sacrificada, simples, de boa natureza, demonstrava preferência por esse filho mais velho. O seu relacionamento com os pais,

as duas irmãs e os dois irmãos mais novos era harmonioso. No entanto, Alfred considerava a sua infância infeliz, por causa de seus sentimentos em relação ao irmão mais velho. Se não podia tolerar viver à sombra deste, não é surpreendente que tenha dito a Freud que não tinha prazer algum em estar à sua sombra. Porém Adler rejeitou a insistência de Freud para que aderisse à doutrina básica, pois considerava que o critério de Freud era o de um autocrata. Segundo acreditava, Freud estava comportando-se como o típico filho mais velho, inseguro e ameaçado, que tenta dominar tiranicamente a fim de proteger-se contra o "destronamento". Por outro lado, parece que a tendência de Adler fosse usurpar a autoridade de "um irmão mais velho".

Essa relação entre o primeiro e segundo filho também foi descrita, com ênfase, no texto bíblico de Esaú e Jacó. Nesta história, a luta prossegue sem tréguas, não tanto pelo verdadeiro poder, mas pela aparência do poder; em casos como este, a luta continua com certa fúria até ser atingido o alvo — a derrota do primogênito — ou até o segundo filho ser vencido e ter de começar a retirada, o que muitas vezes se manifesta sob a forma de problemas psicológicos.

Quanto ao filho caçula, parece representar, geralmente, um tipo especial. Isto se evidencia por um sem número de histórias, lendas, narrações bíblicas, nas quais os caçulas sempre aparecem com as mesmas características. O fato é que eles se desenvolvem em situações completamente diferentes das situações das outras crianças, pois, para os pais, o caçula sempre representa um filho que é tratado com especial solicitude. Não só é mais novo, senão também é geralmente o menor de todos e, por conseguinte, o mais necessitado de amparo (Adler, 1945). Mas, dentre esses filhos mais novos, há outros menos felizes, principalmente os pertencentes à classe social baixa e em família numerosa, cuja mãe por mais adequada que fosse dispunha de relativamente pouco tempo para dedicar ao filho caçula (Terzis, 1983). Talvez aplique-se ao caçula, mais que a seus outros irmãos, a descrição feita por Oberndor (1970). Segundo esse autor, "uma criança que chega a uma família como um acréscimo nada bem-vindo, como, por exemplo, uma família em que a mãe já está sobrecarregada pelos cuidados de outros filhos, pode transformar-se na vítima de discriminações por parte dos pais (por exemplo, pode ser obrigado a aproveitar roupas usadas ou a brincar com brinquedos quebrados de irmãos mais velhos) e ser punido em maior grau do que o necessário. Além disso, os filhos nascidos por último, nas grandes famílias, podem sofrer uma desvantagem competitiva na irmandade, conforme foi sugerido numa pesquisa de natureza sociológica realizada por Bossard (1956).

Quanto ao filho único, naturalmente encontra-se em situação muito particular. Ele se torna em alto grau "dependente", espera constantemente que alguém lhe mostre o caminho e está sempre a procurar quem

o auxílio. Estando constantemente como centro de todas as atenções, adquire a fácil convicção de que realmente tem grande valor. Por exemplo, esta posição de nascimento foi descrita por Weston La Barre (1981), fornecendo apontamentos sobre a vida e as atitudes de Géza Róheim, pioneiro na introdução da psicanálise no pensamento antropológico e filho único de uma próspera família burguesa de Budapeste. Quando criança, era de certa forma superprotegido e supermimado, o que pode ter contribuído para o caráter categórico e de certa imperiosidade da sua personalidade de adulto. Géza Róheim estava sempre inseguro, sempre desconfiado, esperando sempre algum ataque indesejado e altamente inescrupuloso, incondicionalmente devastador. Todo aquele que não era comprovadamente um amigo, era um inimigo potencial, real mesmo, como acontece nos primitivos contos de fada. Ele parecia ser faminto de afeto e de aprovação profissional e sensivelmente vulnerável ao abuso e à falta de reconhecimento; além disso faltava-lhe a técnica para ser um irmão, sabia apenas ser filho, rival ou amante.

Por sua vez, o estudo estatístico de Schachter (1959), em sua "psicologia da afiliação", é uma investigação original que se ocupou das variáveis relevantes que ora nos preocupam. Demonstrou que o relacionamento entre pais e filhos tende a mudar conforme a posição que o filho ocupa no conjunto dos irmãos. O autor conclui que seria surpreendente se as diversas diferenças de experiências, associadas com a ordem de nascimento, não tivessem os efeitos gerais — de saúde ou de distúrbio mental — sobre a personalidade como parecem ter.

Da mesma forma, culturas diversas diferenciam sensivelmente, mas de maneira apriorística, os indivíduos que nascem em certas posições dentro de uma prole, e vários autores começaram a responsabilizar os papéis específicos desempenhados pelo indivíduo no grupo familiar, como fatores etiológicos ou desencadeantes de certos problemas psicológicos, por intermédio das pressões da família, às vezes excessivas. Por exemplo, o papel de adulto a ser assumido precocemente pelos primogênitos do sexo masculino entre Indianos (Sundararaj e Rao, 1966) e Judeus (Weller e Miller, 1978). O primogênito é designado para ser o auxiliar de seus pais ou até mesmo o cabeça da família. Ele tem sobre seus ombros em grande extensão o peso e as tensões das responsabilidades familiares.

A partir destes papéis especiais reservados aos primogênitos, antes mesmo de seu nascimento, delineava-se certo padrão de conduta e de interação familiar existente desde os tempos bíblicos. Em casos individuais, pode-se indagar se alguém foi prejudicado pelo peso das responsabilidades da primogenitura ou deprimiu-se em função de sentimentos de rejeição advindos da situação de ser o filho do meio, ou ainda, da sua condição de caçula por ser cercado de mimos que o incapacitaram para os deveres da vida adulta.

Há muitas outras variações sobre este tema, como por exemplo, o filho ser um menino ou uma menina, fato que pode afetar profundamente o relacionamento entre os pais. Às vezes é um menino que é desejado por ambos; às vezes o pai deseja uma menina e a mãe um menino ou vice-versa (Winnicott, 1980).

Ainda, são possíveis várias situações em que irmãos, do mesmo sexo ou de sexo diferente, entram em rivalidade uns com os outros. A apreciação de cada um desses casos torna-se, pois, consideravelmente difícil. Tal é, por exemplo, a situação de uma menina única, entre vários irmãos meninos ou vice-versa.

Mais especificamente, o que nos interessa neste trabalho é conhecer os pacientes em relação à posição ordinal de nascimento e sexo ao consultarem uma clínica psicológica da Pós-Graduação – PUCAMP, para obterem atendimento em relação aos seus problemas vitais e psicológicos.

MÉTODO E AMOSTRA

O presente estudo insere-se na categoria de estudos considerados de natureza epidemiológica.

O método epidemiológico constitui um instrumento indispensável para avaliar a prevalência e a incidência dos problemas mentais, em determinados grupos da população. Estuda certas características da população humana relacionadas com a organização sócio-cultural ou familiar e muitas vezes consegue, por meio de associações estabelecidas, elucidar o aparecimento ou desenvolvimento de problemas psicológicos (Terzis, 1983 e 1984). A Organização Mundial da Saúde considera como valiosa a pesquisa orientada epidemiologicamente, tendo feito diversas recomendações nesse sentido (OMS, 1977).

Feita essa rápida apresentação do método epidemiológico, será descrito a seguir o procedimento específico seguido nesse trabalho para a obtenção dos dados.

A Clínica Psicológica da Pós-Graduação da PUCAMP dispõe de um vasto material relativo ao atendimento clínico dos clientes, devidamente catalogado e arquivado, capaz de ser elaborado com relativa facilidade.

É aberta uma pasta (prontuário) para cada cliente com os dados da folha de rosto, triagem, avaliação e classificação sócio-econômica. Na realização deste trabalho foi utilizada uma amostra de 595 prontuários e um intervalo de 10 anos de atendimento.

A coleta dos dados para fins do presente estudo foi realizada em duas etapas: numa primeira, foi preenchido, para cada cliente, um

formulário através do exame da pasta e, numa segunda, todos esses dados foram passados na folha de computação e analisados por meios eletrônicos.

RESULTADOS

A partir dos dados colhidos no levantamento das pastas existentes nos Arquivos da Clínica Psicológica da PUCCAMP, foram organizadas as Tabelas A, B e C, onde os clientes estão distribuídos pela ordem de nascimento e pelo tamanho da prole* a que pertencem.

Devido à omissão da ordem de nascimento ou do sexo no protocolo de alguns clientes, para a organização destas tabelas foram consideradas 595 sujeitos no caso da Tabela A — toda a amostra, considerando-se todos os clientes, independente de sexo. Não foram considerados 24 casos sem informação do tamanho da prole e/ou ordem de nascimento e 1 caso com informações incongruentes. Nas demais tabelas em que os clientes são apresentados separadamente por sexo — foram considerados respectivamente 255 clientes do sexo masculino, na Tabela B, e 335 do sexo feminino na Tabela C. Enquanto cinco(os) pacientes sobre cujo sexo não havia informação, foram contados só na Tabela A.

TABELA A

Distribuição da ordem de nascimento de 595 clientes de ambos os sexos em relação ao tamanho da prole

Ordem de Nascimento (r)	Frequência Total da Ordem de Nascimento por Tamanho de Prole(s)																N ^o
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
1	54	85	53	18	14	6	3	3	2	1	—	—	—	—	—	—	239
2		62	47	23	8	4	1	4	1	3	—	—	—	—	—	—	153
3			45	19	8	4	1	3	—	—	—	—	—	—	1	—	81
4				22	12	8	2	1	2	—	—	1	—	—	—	—	48
5					11	10	2	1	2	3	—	—	—	—	—	—	29
6						6	3	5	2	2	—	—	—	—	1	—	19
7							7	1	1	—	—	—	—	1	—	—	10
8								2	1	—	—	—	—	—	—	—	3
9									2	1	1	—	—	1	—	—	5
10										4	—	1	1	—	—	1	7
11											—	—	—	—	—	—	—
12												—	—	—	—	—	—
13													—	1	—	—	1
Ns	54	147	145	82	53	38	19	20	13	14	1	2	1	3	2	1	595

Obs. — Não foram considerados 24 casos sem informação do tamanho da prole e/ou ordem de nascimento e 1 caso com informações incongruentes.

*No tamanho da prole foi considerado o número total de crianças.

TABELA B

Distribuição das ordens de nascimento de 255 clientes do sexo masculino em relação ao tamanho da prole

Ordem de Nascimento (r)	Frequência Total da Ordem de Nascimento por Tamanho de Prole (s)															Nº
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
1	21	42	32	6	2	4	1	1	1	1	-	-	-	-	-	111
2		30	23	10	3	2	1	1	-	1	-	-	-	-	-	71
3			16	9	2	1	-	1	-	-	-	-	-	-	1	30
4				8	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12
5					7	5	1	-	2	1	-	-	-	-	-	16
6						1	-	3	1	1	-	-	-	-	-	6
7							-	-	1	-	-	-	-	1	-	2
8								1	-	-	-	-	-	-	-	1
9									1	-	-	-	-	-	-	1
10										2	-	-	1	-	1	4
11											-	-	-	-	-	-
12												-	-	-	-	-
13													-	1	-	-
Ns	21	72	71	33	16	15	3	7	6	6	-	-	1	2	1	255

Obs. - Não foram considerados 6 casos sem informação do tamanho da prole e/ou ordem de nascimento.

TABELA C

Distribuição das ordens de nascimento de 335 clientes do sexo feminino em relação ao tamanho da prole

Ordem de Nascimento (r)	Frequência Total da Ordem de Nascimento por Tamanho de Prole(s)															Nº
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
1	32	43	21	12	12	2	2	2	1	-	-	-	-	-	-	127
2		32	24	13	5	2	-	3	1	2	-	-	-	-	-	82
3			28	9	6	3	1	2	-	-	-	-	-	-	-	49
4				13	10	6	2	1	2	-	-	1	-	-	-	35
5					4	5	1	1	-	2	-	-	-	-	-	13
6						5	3	2	1	1	-	-	-	-	1	13
7							7	1	-	-	-	-	-	-	-	8
8								1	1	-	-	-	-	-	-	2
9									1	-	1	-	-	1	-	3
10										2	-	1	-	-	-	3
11											-	-	-	-	-	-
12												-	-	-	-	-
13													-	-	-	-
Ns	32	75	73	47	37	23	16	13	7	7	1	2	-	1	1	335

Obs. - Não foram considerados 18 casos sem informação do tamanho da prole e/ou ordem de nascimento.

A partir dos dados das Tabelas A, B e C foi organizada a Tabela D onde, na coluna (1), são mostrados os totais de filhos, quer sejam clientes ou não, nas 595 famílias, que ocupam cada ordem de nascimento. Na coluna (2) aparece a quantidade em cada ordem de nascimento, desses filhos que recorreram ao auxílio psicológico da Clínica e, na coluna (3), a porcentagem que estes representam sobre o total dos filhos de sua ordem de nascimento.

As demais colunas foram constituídas de maneira semelhante para os 255 clientes do sexo masculino — colunas (4), (5) e (6) — e para os 335 clientes do sexo feminino — colunas (7), (8) e (9).

Esta tabela foi organizada para permitir a comparação entre as ordens de nascimento e da necessidade de auxílio psicológico, uma vez que os números absolutos apresentados nas Tabelas A, B e C podem sugerir relações falsas. Por exemplo, na Tabela A, vê-se que 81 terceiros filhos recorreram à Clínica, quantidade quase 70% maior do que aquela de 48 quartos filhos que o fizeram, sugerindo uma possibilidade de aqueles serem muito mais necessitados de auxílio que estes. Observando-se, porém, na coluna (3) da Tabela D, vê-se que 20,6% dos terceiros filhos procuraram a clínica, porcentagem esta bem próxima da dos quartos filhos que a procuraram, 19,3%.

Com os dados desta Tabela foi organizado o Gráfico I em que se verifica de uma maneira geral que a porcentagem de filhos nas diversas ordens de nascimento — que recorrem à Clínica, inicialmente diminui conforme a posição de nascimento aumenta, atingindo um mínimo no caso do 8º filho e em seguida tende a aumentar. Esse comportamento é observado quer se considere as famílias dos clientes de cada sexo em separado, quer se as considere reunidas, independente do sexo do cliente.

No presente estudo foram desconsiderados os filhos únicos uma vez que se trata de um caso *sui-generis*, pois ocupa ao mesmo tempo a posição de primogênito e a de caçula em uma família de um só filho. Outro motivo que aconselhou o seu afastamento foi o fato de todos os filhos únicos existentes na amostra obrigatoriamente recorreram ao serviço da Clínica, o que não acontece com as demais ordens de nascimento.

Considerou-se à parte a situação de filhos caçulas — embora estes pertençam às diversas ordens de nascimento, que não à primeira, e portanto já considerados como integrantes delas — devido à característica principal de sua posição, a inexistência de irmãos mais novos que viessem usurpar sua posição na família.

Procurou-se testar, seja dentro da amostra (de 595 famílias), seja das sub-amostras (de 255 famílias e de 335 famílias), a significância das diferenças de porcentagem, tomadas duas a duas. Para tal, utilizou-se

TABELA D

CLIENTES DA CLÍNICA PSICOLÓGICA — Por ordem de nascimento

ORDEM DE NASCIMENTO	AMBOS OS SEXOS			SEXO MASCULINO			SEXO FEMININO		
	Total nas famílias da amostra (1)	Quantidade de clientes (2)	Porcentagem (3) = $\frac{(2)}{(1)} \times 100$ (1)	Total nas famílias da amostra (4)	Quantidades de clientes (5)	Porcentagem (6) = $\frac{(5)}{(4)} \times 100$ (4)	Total nas famílias da amostra (7)	Quantidade de clientes (8)	Porcentagem (9) = $\frac{(8)}{(7)} \times 100$ (7)
FILHO ÚNICO	54	54	100,0	21	21	100,0	32	32	100,0
PRIMOGENÍTO	541	185	34,2	234	90	38,5	303	95	31,4
2º FILHO	541	153	28,3	234	71	30,3	303	82	27,1
3º FILHO	394	81	20,6	162	30	18,5	228	49	21,5
4º FILHO	249	48	19,3	91	12	13,2	155	35	22,6
5º FILHO	167	29	17,4	58	16	27,6	108	13	12,0
6º FILHO	114	19	16,7	42	6	14,3	71	13	18,3
7º FILHO	76	10	13,2	27	2	7,4	48	8	16,7
8º FILHO	57	3	5,3	24	1	4,2	32	2	6,3
9º FILHO	37	5	13,5	17	1	5,9	19	3	15,8
10º FILHO	24	7	29,2	11	4	36,4	12	3	25,0
13º FILHO	7	1	14,3	5	1	20,0	—	—	—
CAÇULA	541	161	29,8	234	67	28,6	303	93	30,7

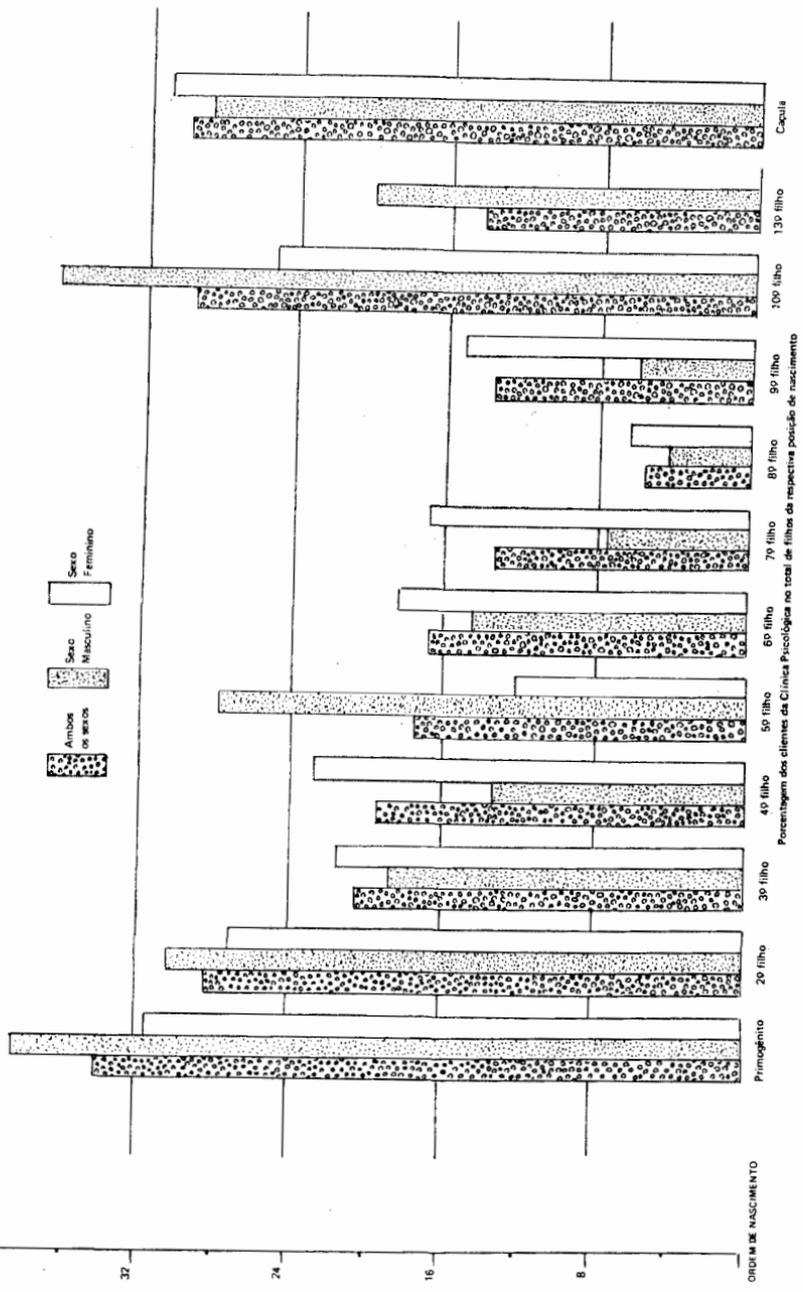
Tabela D — Porcentagem dos clientes no total de filhos das famílias na respectiva ordem de nascimento.

As diferenças nas somas das sub-amostras e da amostra estão explicadas na página nº . . .

Porcentagem

GRÁFICO 1

CLIENTES DA CLÍNICA PSICOLÓGICA - Por ordem de nascimento



ORDIM DE NASCIMENTO

Porcentagem dos clientes da Clínica Psicológica no total de filhos de respectiva posição de nascimento

o teste "t" de Student, sendo nas Tabelas E, F e G apresentadas as diferenças que se mostraram significativas.

Observa-se que para a amostra toda — 595 famílias — encontraram-se diferenças significativas, ao nível de 0,05 entre as porcentagens correspondentes à comparação de primogênitos com segundos filhos; são significativas, ao nível de significância de 0,01, no caso das comparações, seja de primogênitos, seja de segundos filhos, bem como de caçulas com os nascidos da terceira até a nona posição, inclusive estas.

No caso da comparação dessas posições de nascimento com a décima e a décima terceira posições as diferenças não são significantes ao nível de 0,05. Também inexistiu significância a esse nível de 0,05, quando se compara a primeira e a segunda posição de nascimento com a situação de filhos caçulas.

Igualmente quando se compara as demais posições intermediárias entre si, as diferenças, a não ser no caso da comparação com a oitava posição, não são significantes ao nível de 0,05. No caso desta oitava posição as diferenças se mostraram significativas ao nível de 0,01 com todas as demais posições, menos a sétima e a nona posição.

Quando se faz a presente análise dentro do conjunto de famílias em que os clientes são do sexo masculino (255 famílias), ou do sexo feminino (335 famílias), observa-se que, embora o comportamento seja semelhante, há uma diminuição de pares em que esta diferença é significativa e em diversos pares há um atenuamento do nível de significância destas diferenças.

Isto se observa mais no caso das famílias a que pertencem os clientes do sexo feminino, em que a diferença entre primogênitos, segundos filhos e caçulas, tomadas as posições de nascimento duas a duas, não é significativa.

Também diminuem os casos em que são significantes as diferenças na comparação entre os segundos filhos e demais ordens de nascimento, bem como entre caçulas e outras posições.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo apontam diferenças significativas ao nível de 0,05 entre as porcentagens correspondentes à comparação de primogênitos com segundos filhos; são significativas, ao nível de significância de 0,01, no caso das comparações, seja de primogênitos, seja de segundos filhos, bem como de caçulas com os nascidos da terceira até nona posição.

Para melhor compreender os efeitos da ordem de nascimento e os resultados do presente trabalho, faz-se necessário estudá-los em seu du-

TABELA E

Comparação de cada ordem de nascimento com as demais significância das diferenças — 595 famílias, independente do sexo do cliente

ORDEM DE NASCIMENTO	Primo-gênito		Segundo filho		Terceiro filho		Quarto filho		Quinto filho		Sexto filho		Sétimo filho		Oitavo filho		Nono filho		Décimo filho		Capçula			
	gênito	filho	filho	filho	filho	filho	filho	filho	filho	filho	filho	filho												
Primogênito	2,098 *	2,098 *	4,718 **	4,718 **	4,617 **	4,617 **	4,702 **	4,702 **	4,326 **	4,326 **	4,788 **	4,788 **	8,026 **	8,026 **	3,436 **	3,436 **	2,491 *	2,491 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Segundo filho	2,098 *	2,739 **	2,739 **	2,845 **	2,845 **	3,101 **	3,101 **	2,904 **	2,904 **	3,480 **	3,480 **	6,491 **	6,491 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Terceiro filho	4,718 **	2,739 **	2,739 **	2,845 **	2,845 **	3,101 **	3,101 **	2,904 **	2,904 **	3,480 **	3,480 **	6,491 **	6,491 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Quarto filho	4,617 **	2,845 **	2,845 **	3,101 **	3,101 **	2,904 **	2,904 **	3,480 **	3,480 **	6,491 **	6,491 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Quinto filho	4,702 **	3,101 **	3,101 **	2,904 **	2,904 **	3,480 **	3,480 **	6,491 **	6,491 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Sexto filho	4,326 **	2,904 **	2,904 **	3,480 **	3,480 **	6,491 **	6,491 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Sétimo filho	4,788 **	3,480 **	3,480 **	6,491 **	6,491 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Oitavo filho	8,026 **	6,491 **	6,491 **	4,251 **	4,251 **	2,904 **	2,904 **	3,608 **	3,608 **	2,487 **	2,487 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	
Nono filho	3,436 **	2,491 *	2,491 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.										
Décimo filho	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.												
Déc. Terc. filho	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.												
Capçula	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.												

n.s. → |t| < 1,96 * significativo ao nível de 0,05 → 1,96 < |t| < 2,58 ** significativo ao nível de 0,01 → |t| > 2,58

|t| → valor absoluto de t

TABELA F

Comparação de cada ordem de nascimento com as demais significância das diferenças — 255 famílias a que pertencem os clientes do sexo masculino

ORDEM DE NASCIMENTO	Primeiro-gênito	Segundo filho	Terceiro filho	Quarto filho	Quinto filho	Sexto filho	Sétimo filho	Oitavo filho	Nono filho	Décimo filho	Décimo terceiro filho	Caçula
Primogênito	n.s.	n.s.	4,538 **	6,142 **	n.s.	3,860 **	5,220 **	6,615 **	4,984 **	n.s.	n.s.	2,281 *
Segundo filho	n.s.	n.s.	2,756 **	3,678 **	n.s.	2,589 **	3,904 **	5,139 **	3,779 **	n.s.	n.s.	n.s.
Terceiro filho	4,538 **	2,756 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	2,801 **	n.s.	n.s.	n.s.	2,378 *
Quarto filho	6,142 **	3,678 **	n.s.	n.s.	2,099 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	3,335 **
Quinto filho	n.s.	n.s.	n.s.	2,099 *	n.s.	n.s.	2,611 **	3,270 **	2,649 **	n.s.	n.s.	n.s.
Sexto filho	3,860 **	2,589 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	2,323 *
Sétimo filho	5,220 **	3,904 **	n.s.	n.s.	2,611 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	3,630 **
Oitavo filho	6,615 **	5,139 **	2,801 **	n.s.	3,270 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	2,136 *	n.s.	4,833 **
Nono filho	4,984 **	3,779 **	n.s.	n.s.	2,649 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	3,529 **
Décimo filho	n.s.	2,136 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.						
Déc. Terc. filho	n.s.	n.s.										
Caçula	2,281 *	n.s.	2,378 *	3,335 **	n.s.	2,323 *	3,630 **	4,833 **	3,529 **	n.s.	n.s.	n.s.

n.s. → |t| < 1,96

* Significante ao nível de 0,05 → |t| < 2,58

** Significante ao nível de 0,01 → |t| > 2,58

|t| → valor absoluto de t

TABELA G

Comparação de cada ordem de nascimento com as demais
Significância das diferenças — 335 famílias a que pertencem os clientes do sexo feminino

ORDEM DE NASCIMENTO	Primeiro-gênito	Segundo filho	Terceiro filho	Quarto filho	Quinto filho	Sexto filho	Sétimo filho	Oitavo filho	Nono filho	Décimo filho	Terceiro filho	Caçula
Primogênito	n.s.	n.s.	2,599 ** 2,052 *	4,721 ** 2,491 *	2,447 *	4,965 **	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	n.s.	n.s.
Segundo filho	n.s.	2,599 **	2,599 **	3,740 **	n.s.	4,163 **	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	n.s.	n.s.
Terceiro filho	2,599 *	2,599 **	n.s.	2,292 *	n.s.	2,990 **	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	2,422 *	n.s.
Quarto filho	2,052 *	n.s.	n.s.	2,310 *	2,310 *	2,989 **	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	n.s.	n.s.
Quinto filho	4,721 **	3,740 **	2,292 *	2,310 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	4,562 **	n.s.
Sexto filho	2,491 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	2,340 *	n.s.
Sétimo filho	2,447 *	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	2,333 *	n.s.
Oitavo filho	4,965 **	4,163 **	2,990 **	2,989 **	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	4,835 **	n.s.
Nono filho	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	n.s.	n.s.
Décimo filho	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	(1)	n.s.	n.s.
Déc. Ter. filho	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Caçula	n.s.	n.s.	2,422 *	n.s.	4,562 **	2,340 *	2,333 *	4,835 **	n.s.	n.s.	(1)	(1)

n.s. $|t| < 1,96$

* significativo ao nível de 0,05 $1,96 < |t| < 2,58$

** significativo ao nível de 0,01 $|t| > 2,58$

$|t|$ valor absoluto de t

(1) Entre os clientes do sexo feminino não ocorreu casos que tivessem nascido nesta ordem de nascimento.

plo contexto, cultural e relacional, isto é, do ponto de vista dos papéis fornecidos pela cultura e do ponto de vista da família e suas relações com os filhos.

O exame da ordem de nascimento à luz das relações intrafamiliares inclui dados de três ordens de estudo: os da Psicologia **bi-pessoal**, que, no caso, se refere à relação mãe-bebê; os da Psicologia **tri-pessoal**, que se situam mais especificamente na área da psicanálise. Neste caso a relação bi-pessoal é acrescida de um terceiro componente, ou seja, a figura paterna, e dados da psicologia **multi-pessoal**, que parecem ser mais complexas e se mostram importantes para o exame de outras condições do convívio humano, sabidamente patogênicas para o desenvolvimento psíquico. É o caso, por exemplo, da situação de ligações afetivas triangulares (filho – mãe – pai) que se fragmentam em relação aos irmãos: o problema da inveja entre os irmãos, etc.

A partir do momento em que o investigador, em termos metodológicos, se dirige a este nível de observação, ele não só percebe a existência de uma multiplicidade talvez infinita de variáveis, todas elas passíveis de estudo quantitativos, como também passa a ter uma idéia mais clara da complexidade do problema "ordem de nascimento".

Esta multiplicidade de variáveis pode ser mais bem explicitada através de questionamentos como os seguintes: Haverá influência do sexo dos irmãos mais velhos ou mais novos ? Haverá influência das diferenças de idade que separam os irmãos ? e quanto à idade dos pais na ocasião do nascimento do filho afetado ou dos irmãos ? Haverá alguma similaridade entre a posição que o filho afetado ocupa em sua prole e a que o(s) seu(s) pai(s) ocupou(aram) em sua(s) prole(s) de origem ? Quem são os pais e irmãos destes indivíduos que foram atendidos em nossa clínica-escola e que compõem uma casuística ? Qual o papel da segurança física e emocional que estes pais transmitiram a seus filhos ? Existem diferenças de atividades dos pais em relação aos filhos determinados pela ordem de nascimento desses ? Qual o papel da autoridade e subserviência entre irmãos ? Ainda mais, até que ponto a mãe que mantém contato mais prolongado com o filho estará promovendo ou comprometendo a saúde mental do filho ? O que é mais importante para promover a saúde mental: a quantidade ou a qualidade do contato mantido com a mãe nos primeiros anos de vida ? Como medir a qualidade desse contato ? A literatura sugere que é a qualidade da interação mãe-filho, mais do que a duração ou o número de interações, que pode estar na origem de muitas formas de desajustamento e de perturbações da saúde mental. A rigor, são muito numerosos os fatores vivenciais que compõem o dia-a-dia de uma família. A elaboração de um inventário de variáveis, todas elas inter-dependentes associadas a determinado problema psicológico ou doença mental, ainda está por ser feito — se é que isto seja uma tarefa possível.

Concluindo, não é possível em nosso estudo atribuir-se um peso etiológico à ordem de nascimento do cliente atendido numa clínica psicológica-escola, porque essa variável foi estudada de um ponto de vista quantitativo. Assim, não se consegue ter uma idéia, por exemplo, do grau de superproteção materna ou privação, quando se estuda um grande número de casos como no presente trabalho. Da mesma forma, os estudos quantitativos não informam sobre a importância da relação entre irmãos ou sobre a ausência de irmãos — como acontece com os primogênitos durante certo período de tempo — ou ainda da relação com o pai, das relações macro-sociais, todas elas pré-determinantes que podem estar envolvidas na etiologia, para que o indivíduo se torne propenso aos distúrbios de comportamento ou à manifestação da própria doença mental.

Infelizmente, as coisas não são tão simples e as respostas a essas questões não podem ser dadas sem a realização de estudo intensivo e profundo sobre o indivíduo (paciente).

Levando em conta os resultados e os questionamentos descritos, o autor propõe que futuras pesquisas procurem averiguar a importância das variáveis aqui estudadas, não só a nível de levantamento estatístico, como também através de estudos de casos individuais, visando a examinar a personalidade do primogênito e dos que ocupam posições ordinais iniciais, e dos caçulas ou dos que nasceram imediatamente antes dele, em termos de sua psicologia profunda e das determinantes macro-sociais.

ABSTRACT

This study intends to investigate the hypothesis of the association between the ordinal position of children within a progeny, that is, its main interest is to know the patients who come to a psychological clinic placed in the Post Graduation Department of PUCCAMP (SP) in relation to their birth order and its influences on the patients' vital and psychological problems.

It can be noticed that for a total sample of 595 families, meaningful differences were found, around .05 among the percentages that correspond to the comparison of first born with second children; they are meaningful on the level of .01 in the case of comparisons of first born with children who were born from the third up to the ninth position. The same statement is true in the cases of second children or the youngest children when compared to the group mentioned above (children who were born from the third up to the ninth position).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, A. — A ciência da natureza humana. Trad. Rangel, G., São paulo, Edit. Nacional, 1945, (cap. 8).

- ALTUS, W. D. — Brith Order and Its Sequelae. *Science*, **151**: 44-49, 1966.
- ANSBACHER, H. L. and ANBACHER, R. R. — *La Psicologia Individual de Alfred Adler*. Buenos Aires, Ed. Troquel, 1959.
- BOSSARD, J. H. S. and BOLL, E. E. — *The Large Family System*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1956.
- BOTTOME, P. — *Alfred Adler: a portrait from life*. New York, Vanguard Press, 1957.
- BRILL, A. A. — *Basic Principles of Psycho-analysis*. New York, Washington Square Press, 1960.
- JONES, E. — *The life and work of Sigmund Freud*. New York, Basic Books, 1953.
- LA BARRE, W. — "Psicanálise e Antropologia". In: Alexander, F. e alli — *A História da Psicanálise através dos seus Pioneiros*. Rio de Janeiro, Edit. Imago, 1981 (vol. 1).
- OBERNDORF, C. P. — "O relacionamento entre Pais e Filhos". Em: KLEIN, M. e outros — *A Psicanálise de Hoje*. Rio de Janeiro, Edit. Imago, 1970.
- O.M.S. — *La Schizophrénie: Etude Multinational*. Genève, O.M.S., 1977.
- ROLLMAN-BRANCH, H. S. — The first born child, male, vicissitudes of Preoedipal Problems. *Int. J. Psycho-anal.*, **47**: 404-415, 1966.
- SCHACHTER, S. — *The psychology of affiliation*. Stanford — California, Stanford Univ. Press, 1959.
- SUNDARARAJ, N. and RAO, B. S. — Order of Birth and Schizophrenia. *Brit. J. Psychiat.*, **112**: 1127-1129, 1966.
- TERZIS, I. A. e BUCHER, R. E. — Ordem de Nascimento e Relacionamento Fraterno de Pacientes Psicóticos. *Arquivos Neuro-Psiquiat.* (São Paulo), **38**: 53-64, 1980.
- TERZIS, I. A. — *Ordem de Nascimento, Tamanho da Prole e Esquizofrenia*. São Paulo, Tese (Doutoramento) — Instit. Psicol. — USP, 1983.
- TERZIS, I. A. — Motivos Determinantes de Desagregação Familiar e Esquizofrenia. *Estudos de Psicologia (PUCCAMP)*, **2**: 85-103, 1984.
- TERZIS, I. A. — Epidemiologia da Esquizofrenia e Certas Variáveis Demográficas. *Estudos de Psicologia (PUCCAMP)*, **3 e 4**: 33-56, 1984.
- WINNICOTT, D. W. — *A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo*. Trad. Corrêa, J., Belo Horizonte, Interlivros, 1980.